

Do tabuleiro da baiana o aroma de ternura

LIMA, Elma Maria Fonseca de. *Tabuleiro da Baiana*. Coleção Espaço Aberto. São Paulo: Editora Paulinas, 2015.

Denise de Souza Gonçalves¹

Eliane Santana Dias Debus²

No livro *Tabuleiro da baiana*, somos convidados a seguir uma linda baiana de vestido branco e rodado, com sua bolsa ao lado e com um tabuleiro na cabeça pousado. Podemos fazer o pedido: “Eu quero cocada”. Dá para sentir os aromas dos quitutes que a baiana carrega já na capa. As nuances de cores sugerem, visualmente, um vapor que exala por toda a página a partir de seu tabuleiro. Há um prenúncio: a história nos causará água na boca.

Mas quem carregou essa história, já desde o início, com tanta delicadeza e sabor? Foi Elma. Uma escritora nascida em Recife (PE), que sabe compor encantos e belezas de maneira talentosa. Ela faz lindas ilustrações. Já ilustrou *Trem chegou, trem já vai*, de José Carlos Aragão, e *O dono da bola*, de Elias José, por exemplo. Na orelha ao final do livro, a autora nos conta um pouquinho sobre si e a técnica de que utilizou para dar vida às imagens, a aquarela. Hoje, Elma mora em João Pessoa, Paraíba, e nos conta ter percebido que a Bahia e as baianas estão em todos os cantos do Brasil. Essa “menininha”, como ela própria se denomina no perfil de seu blog (ELMA, 2016a), nos conta como se sente sobre si e o que faz: “Não me sinto ilustradora propriamente, nem mesmo artista plástica, sou uma artesã de ternuras” (ELMA, 2016).

O livro *Tabuleiro da baiana* não foi somente ilustrado, mas também escrito por Elma, essa artesã de ternuras. Sua publicação foi feita pela Editora *Paulinas*, de São Paulo, em 2015, e faz parte da coleção *Espaço Aberto*. Quando abrimos a folha-de-guarda, no início do livro, nos certificamos de que o prenúncio estava certo. Encontramos ilustrada a comida boa da culinária baiana para servir aos olhos. E novamente a pintura da página sugere um vapor que se espalha e invade o olfato da imaginação. Já envoltos pelos cheiros e sabores, nos deparamos com o ritmo e a sonoridade de um dos versos mais correntes da música brasileira, escrito na primeira orelha do livro, *O que é que a baiana tem?* Evocamos uma das mais célebres composições de Dorival Caymmi com a voz de Carmem Miranda e ensaiamos uma entrada de leitura, com os sentidos já impregnados por elementos da cultura baiana.

Ao folhearmos as páginas, nos apercebemos que as ilustrações em aquarela são feitas sobre um

¹ Graduanda em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. E-mail: denise_study@hotmail.com

² Professora da Universidade Federal de Santa Catarina, atuando no Departamento de Metodologia de Ensino e no Programa de Pós-Graduação em Educação. Doutorado em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Líder do Grupo de Pesquisas LITERALISE: Grupo de pesquisa em literatura Infantil e juvenil e práticas de mediação literária, da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: denise_study@hotmail.com

fundo branco não totalmente preenchido. Esse é um intento da própria Elma que nos conta, na última orelha do livro, ser essa uma maneira de dar mais espaço para a imaginação do leitor.

Também não esperemos por páginas cheias de texto. Na verdade, texto e imagem dialogam com leveza e presteza. O leitor pode encontrar nas páginas um recinto para convocar sua inventividade. Elma soube deixar lugares para o leitor criar.

Na folha de rosto, a criança leitora encontrará a ilustração de uma fila bem aprumada de personagens e poderá segui-la para entrar na história. São os fregueses. Arminda baiana é a protagonista de uma narrativa que se passa em terceira pessoa. Sobre o narrador, há uma sutileza, me parece, na relação entre texto e imagens. Dizemos isso, porque se o leitor aguçar bem os olhos perceberá que há uma personagem criança muito linda, participativa, que ocupa as ilustrações. Trata-se de uma menina que aparece, inicialmente, com uma mulher adulta diante de Arminda baiana, quando vai comprar um quitute saboroso. Ela é a única personagem na ilustração que não se deixa esconder nas sombras da tristeza, quando as pessoas acham que algo de ruim aconteceu com Arminda. Ela participa da contação de histórias junto com outras crianças aos pés de Arminda, também acompanha Arlete, filha de Arminda, e está a todo o momento aprendendo o ofício das baianas.

*Eu até me imaginei
entre elas!
Ser baiana e
vestir algo bonito assim
deve dar um orgulho danado* (ELMA, 2015).

No meio de várias baianas, na ilustração que enche uma página e um pouco da outra, está a tal menina. É uma composição linda de se ver. E isso nos faz pensar: a menininha, artesã de ternuras, que assinou esse livro não (se) fez uma personagem criança cheia de ternura e afeição, que foi andar em volta de Arminda baiana e de Arlete para aprender tal ofício? Eis aí a narradora, que sendo criança, convida as outras, leitoras, para ouvir a tradição cultural que ela aprendera.

Arminda é a baiana que, ao abrir a boca, parece entoar uma cantoria carregada de delícias: vatapá, camarão seco, azeite de dendê, acarajé, pimenta de cheiro, malagueta, tapioca, cocadas, abará, acaçá, munguzá, caruru e queijada. Que variedade! Ela vende tão bem os seus quitutes e oferece de maneira tão atraente o seu tabuleiro, que a criança leitora pode se sentir desejosa de provar tais sabores.

Ao chamar sua freguesia, Arminda evoca um trecho da canção de Dorival Caymmi, *A preta do acarajé*, o que mostra uma escolha da autora em trazer à baila a relação existente entre o cantor e compositor e a cultura baiana. E é esta mesma cultura que dá inspiração à Elma! *Tabuleiro da baiana* é uma espécie de tributo afetuoso às histórias, à cultura da Bahia e às tradições afro-brasileiras, especialmente o ofício das baianas.

A sabedoria e o talento com o tabuleiro passam de mãe para filha. A personagem Arminda baiana tem, em sua filha Arlete, a continuação do ofício na família. As questões da tradição e da geração são apresentadas, com essa delicada passagem. Mas temos de considerar que a narrativa não deixa de mencionar,

de maneira breve, outras questões centrais da cultura baiana: as festas, as danças e as músicas.

Ao final do livro, encontramos uma espécie de nota que nos informa que “O ofício das baianas é um patrimônio imaterial brasileiro, parte das tradições afro-brasileiras que integram a cultura plural do nosso país”(ELMA, 2015). Nessa mesma nota, vemos citada a Lei Municipal de Salvador que regulamenta o ofício das baianas.

Entregar este livro nas mãos dos pequenos é lhes facultar o conhecimento de uma das culturas mais representativas do país, além de inebriá-los de afeto, sensibilidade e delicadezas com uma história cheia de ternura, porque feita por uma especialista nesse ingrediente. Por outro lado, a sua inserção junto aos pequenos por certo contemplam a Lei 10.639 que altera a Lei 9.394/1996 de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional, incluindo no currículo oficial da Educação Básica da Rede de Ensino pública e privada a obrigatoriedade do ensino de História da África e da Cultura afro-brasileira, bem como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004).

Dito isso, lançamos um convite: Aceitas um acarajé quentinho? Se quiseres provar do *Tabuleiro da baiana*, tens que acompanhar Elma nessa história! O que achas? Já sentes um fiozinho desse aroma de ternura?...

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, jul. 2004.

LIMA, Elma Maria Fonseca de. **Tabuleiro da Baiana**. Coleção Espaço Aberto. São Paulo: Editora Paulinas, 2015.

LIMA, Elma Maria Fonseca de. **Tempo de ternuras, de Elma**. Disponível em: < <http://tempodeternuras.blogspot.com.br/>> Acesso em 11 jul. 2016.